

Imigração e novas configurações familiares: o caso de Governador Valadares

Ellem Saraiva Reis

Mestranda do ENCE (IBGE), Programa de Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais.
ellemsr@yahoo.com.br

Igor José de Renó Machado

Docente do Departamento de Ciências Sociais da UFSCar
Endereço: Rod. Washinton Luis, km 235
13565-905 São Carlos-SP

Introdução

O processo migratório é um momento de grande transformação na vida dos indivíduos que nele estão envolvidos. Segundo DeBiaggi, "(...) toda migração constitui um período de crise, uma situação natural de estresse que pode ser maior ou menor dependendo de uma série de fatores, sejam eles externos ou internos" (2005, p.20). Assim, abordaremos as transformações que ocorrem na família e no casamento em decorrência da emigração de um dos cônjuges ou mesmo de ambos, a partir de um trabalho de campo realizado na cidade de Governador Valadares-MG, 2005/2006.

Para facilitar a apresentação do tema, dividiremos os assuntos em três sub-temas, tentando sistematizar as transformações que ocorrem de uma forma que possibilite ao leitor vislumbrar estas mudanças. Assim, começaremos salientando o processo de reorganização das rotinas após a emigração e as conseqüentes mudanças em relação aos gêneros, destacando os novos afazeres masculinos e as novas funções femininas dentro da família. Em seguida, discutiremos sobre os rearranjos familiares que se estabelecem e suas conseqüências. E, para finalizar, abordaremos como os sentimentos são controlados neste contexto.

No entanto, é importante destacar que a família que vive permeada pelos desdobramentos da migração está imersa numa sociedade que coletivamente passa por mudanças. A família contemporânea já passa por um processo de transformação provocado pela inserção da mulher no mercado de trabalho, pelo seu acesso à escolarização e pela explosão dos movimentos

feministas (VAITSMAN, 1994). A dependência - seja ela econômica ou afetiva - da mulher em relação ao homem, não é mais a forma predominante das relações familiares. Estas transformações, que se intensificaram na segunda metade do século XX no Brasil, proporcionaram a estas mulheres um sentimento de independência e autonomia, tornando-as menos subordinadas aos homens - e aos seus maridos.

Esta menor subordinação às práticas patriarcais e a construção de interesses próprios geraram uma "crise" do modelo de família praticado. A quebra da dicotomia entre o público - território anteriormente de poder masculino - e o privado - a casa - permitiu que as mulheres deixassem de ser apenas esposas para serem reconhecidas e se sentirem como indivíduos/ cidadãos (VAITSMAN, 1994). As dificuldades de conciliação de interesses comuns entre os cônjuges tornaram-se situações recorrentes. Desta forma, as famílias que realizam projetos migratórios estão duplamente em transformação: pelas mudanças estruturais da sociedade e pelas conjunturais da migração.

1. Reorganizando a rotina

Logo após o momento da (e)imigração de fato, da viagem, o casal depara-se com um processo de mudanças de rotina e de atividades. Tanto o homem/marido - geralmente, quem emigra - quanto a mulher/esposa passam a ter suas vidas reorganizadas devido à ausência do cônjuge, incorporando atividades que antes eram realizadas pelo outro. As mulheres, por exemplo, têm a necessidade de realizar tarefas bancárias, pagamento de dívidas e os investimentos em bens; os homens, os afazeres domésticos. O contexto migratório torna menos intensa a dicotomia entre as atividades de cunho público e privado, subvertendo a divisão pautada no gênero, que estabelecia o público como domínio masculino e o privado como predominantemente feminino (PRIBILSKY, 2004).

Quando o homem está em casa, assume toda aquela responsabilidade de compra, de conta, de coisas. Então, isso tudo passou a passar para ela, ela que teve que dar conta disso tudo: de filho, de trabalho, de contas a pagar, de receber... Então, para ela foi complicado... foi um período difícil, de adaptação. Para mim, da

mesma forma foi muito complicado porque você fica distante dos seus filhos (Relato de Ga, 14/02/2006)¹.

Assim, neste novo contexto, a mulher, por ser o membro da relação conjugal que permanece no país, adquire centralidade para as relações familiares e torna-se a chefe da família², devido à ausência do marido. A mulher não se apresenta, então, como sujeito passivo no processo, mas sim como membro fundamental nas articulações da unidade doméstica e do grupo familiar: ela realizará a intermediação entre os filhos e os seus parentes consangüíneos e afins e será o elo entre o país de origem e o país de destino da migração. Além disso, é a esposa quem cuidará da educação dos filhos e ainda é quem administrará os bens do casal.

Como abordado por Yanagisako (*apud* ASSIS, 2003), no contexto migratório, a mulher adquire centralidade nas relações cotidianas ao interconectar domicílios. É ela, como mãe e esposa, que mantém a relação entre as crianças e a família paterna na ausência do marido - e pai - e que possibilita a permanência do convívio entre ambas linhagens. Esta posição de "controle" de determinadas relações sociais pode ocasionar conflitos entre o grupo masculino e o feminino e desestabilizar a própria relação conjugal caso a interconexão não seja efetivamente realizada. Quando um dos lados se sente prejudicado - geralmente, o lado dos parentes afins da mulher, os conflitos iniciam-se com fofocas e podem culminar em disputa pela guarda das crianças, prejudicando também o projeto migratório com o retorno do cônjuge ao país antes do tempo previsto, como salientado no relato a seguir:

A família entrou muito na nossa vida e ele veio sem eu saber que ele estava retornando. Ele veio para nós nos separarmos e para conhecer os meus amantes. A família dele que eu digo são três irmãs e uma sobrinha; foram as que vieram aqui na minha casa. Mas, graças a Deus, eu tenho minha consciência limpa para com Deus e com o povo (...) ele com minha família também se dá muito bem, mas eu com a família dele não. (...) O que eles fizeram foi muito feio, foi xingando na rua de um lado ao outro (Relato de Jo, 20/07/2005).

Além disso, outro papel importante desenvolvido pelas mulheres é o de interconectar os dois países. Permanecendo no

¹ Os nomes foram omitidos para preservar os entrevistados.

² Segundo FONSECA (2004), podemos considerar que famílias chefiadas por mulheres são aquelas nas quais não há homem na unidade residencial, na qual é maior o número de consangüíneos matrilineares, a renda feminina é maior ou a rede afetiva de ajuda mútua tenha maior influência da mulher.

Brasil, fornecem informações àqueles que desejam migrar e, ainda, possibilitam a permanência da ligação entre pai e filhos. Além disso, são elas que recebem as remessas (dinheiro do trabalho do marido) e “decidem” como utilizá-las.

Segundo Pribilsky (2004), após a emigração dos maridos, as relações entre as mulheres tornam-se mais intensas devido ao espírito de ajuda mútua. De acordo com DeBiaggi, as redes que são formadas “(...) funcionam como provedoras de companhia social, apoio emocional, fornecem guia cognitivo e conselhos, favorecem a resolução de conflito, fornecem ajuda material e de serviços e acessos a novos contatos” (DEBIAGGI, 2005, p. 18). Assim, esta ligação entre as mulheres permite também a formação de redes sociais que contribuirão para a realização de novos projetos migratórios.

A relação desenvolvida entre as mulheres de emigrantes e mulheres cujos maridos ainda não emigraram permite que contatos com e informações sobre o exterior sejam disseminados, diminuindo ou atenuando os riscos da viagem e possibilitando que novas migrações tenham maiores facilidades de acontecerem (ASSIS, 2003). Como exemplo:

(...) uma amiga da minha vizinha aqui que recebeu ele lá. Ele chegou... Ela é legal lá no país, aí ela recebeu ele lá.

Entrevistador: O que você falou que tinha ido [para Portugal] através daquele homem de Vitória, quem é aqui [na genealogia]? Quem que tinha ido e indicou?

É o marido dessa prima minha. A mãe dele que indicou pra mim. (...) A mãe do marido dela que indicou pra mim este homem. (...) É porque esta prima minha, ela é casada com o irmão da minha cunhada... que casou com este que foi e não conseguiu passar (Relato de Ro, 08/02/2006).

As mulheres e esposas cujos maridos emigraram tornam-se também mediadoras entre pai e filhos. É a mulher/mãe/esposa que garante que o seu marido será lembrado e recebido como pai pelos filhos após retornar da migração. As fotos e recordações mostradas aos filhos mais novos, aqueles cujos pais emigraram quando estes ainda eram bebês, são formas de manter a presença paterna na unidade familiar. É claro que o contato telefônico existe, mas, quando são crianças pequenas, se o pai não estiver constantemente “presente”, a posição paterna é substituída ou ocupada por outro membro familiar: pelo avô, pelo tio, ou mesmo por uma avó. Além disso, quando há esta substituição, nem sempre os pais são reconhecidos por seus filhos após o retorno.

As crianças... Eles perguntam... esse menino, por exemplo, ele pergunta como é o pai dele porque ele não sabe até hoje como é o pai: se é branco, se é preto... Era muito pequeno, né. Recém-nascido. Ele vê fotos, né. Aí, o menino vê fotos. Mas o menino pergunta: "Esse aqui que é meu pai?" Essas coisas assim, sabe? Meio esquisito (Relato de CI, 24/01/2006).

Apesar de ligar e sempre presente por telefone, mas não tinha a presença física. Então, eles faziam - onde depois eu vi o erro, eles faziam muito a vontade das meninas pra substituir a ausência do pai. Então, elas cresceram os tios, os avôs faziam: "Ah... porque o pai não está aqui", faziam tudo que elas queriam (Relato de IS, 13/02/2006).

Além disso, no caso de sua posição como administradora dos bens e investimentos da família, cabe a mulher o controle das finanças e a movimentação do dinheiro recebido³. Isto demonstra a importante posição feminina na articulação entre o emigrante e o mercado consumidor na cidade, seja para o pagamento das contas, construção de uma casa ou apenas compra de objetos. Posição que, ao longo do tempo, vai permitindo à mulher independência em relação ao seu esposo. Autonomia que é ainda mais intensificada quando a mulher trabalha fora de casa e não depende totalmente da provisão econômica do marido, contribuindo para que o elo que os liga - o marido como provedor do lar - diminua ou seja rompido. (FONSECA, 2004; MAIR, 1973; VAITSMAN, 1994, SAYAD, 1998).

Outra função importante adquirida pela mulher no contexto migratório refere-se à educação e cuidado das crianças. Em muitos casos, as mães tornam-se às únicas referências para os filhos e nem sempre conseguem conciliar trabalho, casa e família. Segundo relatos, a dificuldade está na mulher articular o que é considerado como seu papel de mãe, visto como fonte de afeto e de carinho, com o de pai - de autoridade e repressão.

Assim, para solução destes casos, o auxílio da família materna é, por vezes, inevitável. Muitas das mulheres mudam-se para a casa de suas mães; em outros casos, é o inverso que ocorre. Todas estas transformações visam diminuir o impacto da emigração e ausência paterna na rotina dos filhos, evitando maiores traumas às crianças. No entanto, buscam também resolver o dilema

³ Apesar das formas ou dos locais de investimentos poderem ser de acordo com a vontade masculina - do marido, em última instância é a mulher quem manipula o dinheiro na cidade.

apresentado, pois a presença da avó garante que o papel de pai será representado por outro membro familiar e, portanto, estará presente, na unidade residencial, a autoridade.

Já no caso do universo masculino, daqueles que emigraram, o homem/ (e)imigrante/marido/pai depara-se, não só com um novo contexto social, mas também com novos valores e costumes que, inevitavelmente, mudarão seus hábitos. Como anteriormente abordado, as transformações nas rotinas masculinas requerem deles habilidades no âmbito doméstico. Desta forma, passam a realizar atividades que antes eram relegadas ao gênero feminino, podendo torná-los, neste sentido, menos tradicionais e conservadores (DEBIAGGI, 2003).

Por não terem uma empregada que realize estes afazeres, os homens passam a lavar louça e a limpar a casa; o que em suas residências nos países de origem, como no caso o Brasil, não realizariam, pois são atividades que, para eles, poderiam degradar os seus papéis no centro de controle das relações familiares (PRIBILSKY, 2004). Desta forma, segundo Pribilsky (2004), a migração possibilita uma transformação na mentalidade de ambos os cônjuges devido às mudanças nas relações de gênero. No entanto, estas modificações, geralmente, diminuem a relação de poder masculino no grupo doméstico e, como enfatizamos, permitem à mulher a aquisição de uma posição de destaque na hierarquia familiar, o que nem sempre é visto como benéfico, culminando também em casos de divórcio:

O contraste entre um arranjo familiar mais conservador e uma maior liberalização do papel da mulher emergem como uma ameaça à união familiar, sendo a separação dos casais relatada como temerosa consequência desta 'adversidade' (DeBiaggi, 2003, p. 177).

2. Os rearranjos familiares

No caso das migrações ocorridas na cidade de Governador Valadares, a maioria dos projetos migratórios pode ser classificada, segundo a terminologia formulada por Hondagneu-Sotelo (*apud* ASSIS, 2003), como 'estágio familiar de migração', ou seja, uma migração em estágios, na qual saem da cidade o marido, a mulher e depois os filhos. Desta forma, isto nos incita a compreender o cenário que se forma a partir da ausência do marido e, em seguida, da ausência de ambos os cônjuges da unidade familiar.

Como apontamos acima, algumas das mudanças que ocorrem na estrutura familiar são necessárias; outras acabam

acontecendo devido ao contexto migratório. Estas transformações que ocorrem estão ligadas, não só aos casos de separação, mas também aos arranjos realizados para o sucesso dos projetos migratórios. Além dos divórcios, estão também inclusos nestes rearranjos: a mudança das mulheres para a casa de suas mães ou o inverso e o cuidado dos netos pelos avós, por outros parentes ou desconhecidos quando ambos os pais emigram. Além disso, muitas dessas reorganizações familiares acontecem tentando responder às expectativas da sociedade em relação ao casamento e a constituição de um grupo familiar. Desta forma, veremos como casamentos e famílias são organizados de forma a responder aos anseios da sociedade.

No caso das mudanças nos casamentos, por exemplo, muitos deles são desfeitos ou rearranjados em contextos migratórios devido às transformações ocasionadas pela reorganização das atividades e afazeres cotidianos e tomada de autonomia das mulheres, como abordado anteriormente. No entanto, podem ocorrer divórcios devido às fofocas feitas, geralmente, sobre a fidelidade feminina. Pudemos perceber, em trabalho de campo, que, no contexto migratório, a situação de ser esposa de emigrante parece causar um certo desconforto na vizinhança na qual habita, pois a ausência do marido na unidade residencial não torna pauável sua situação de casada e, portanto, sob o controle de um sujeito masculino (FONSECA, 2004).

Isto é expresso em dois relatos: "(...) claro que há preconceito de mulher separada, de mulher sozinha. Há, sempre há" (Relato de Cr, 03/02/2006) e "(...) infelizmente, a sociedade não apóia mulher sozinha (emocionada). Seus próprios vizinhos te olham com outros olhos, não é aquela coisa. Não é fácil... É difícil porque mulher sozinha não pode ficar saindo. Não pode sair muito porque começam os comentários" (Relato de Jo, 20/07/2005).

Assim, surgem sanções a estas mulheres e uma "intensa vigilância", principalmente, de seus familiares sobre seus hábitos. Da mesma forma que no caso relatado por Sayad (1998) sobre a imigração argelina na França, os parentes são os primeiros a exercerem o controle sobre a vida das mulheres, buscando que elas sigam o comportamento socialmente estabelecido. Depois deles, são os vizinhos que passam a "vigiar" os comportamentos femininos e, caso eles não se enquadrem nos padrões esperados, são condenados e estas mulheres acabam sendo "punidas".

As sanções são, geralmente, realizadas através de boatos relacionados aos seus comportamentos. Como apontado por

Fonseca (2004), a fofoca pode ter diferentes funções para cada sociedade, mas, no caso estudado, podemos inferir que, apesar de ser utilizada por muitas vezes com o intuito de denegrir a imagem da mulher cujo marido emigrou, a principal função deste mecanismo é ser um controle social.

As fofocas e os boatos são educativos, estabelecendo os princípios morais do grupo e expressando as condutas que não devem ser seguidas e as formas de comportamentos “adequadas”. É o meio pelo qual os valores morais valadarenses, por exemplo, são disseminados. Assim, as mulheres que se encontram nesta posição evitam, por exemplo, saírem à noite para festas sem a companhia de alguém da família ou receber pessoas em suas casas, principalmente, homens. Além disso, cuidar da própria aparência na ausência do marido pode ser visto também como uma intenção de adultério.

(...) a gente procura não dar oportunidade pra este tipo de coisa [fofoca]. Tipo assim: se eu não... Como que fala? Se eu vou numa festa: se eu posso ficar sem ir nesta festa, eu fico sem ir nesta festa. Por quê? Porque é a oportunidade que faz o ladrão. É o que o povo fala, né. Então, a gente fica assim... meio que evitando certo tipo de coisa. (...) Mas, igual eu falei antes e repito: a gente procura não estar onde o povo comenta. Tipo assim: se eu não ia no barzinho, pra que eu vou no barzinho. Entendeu? Se eu não vou em festinha sem ele, pra que eu vou agora que eu estou sozinha? Então, a gente procura não ter as oportunidades. Agora, questão de falar ou não, vizinho sempre fala. (...) eu vou de casa pra igreja, da igreja pra casa, pro trabalho, do trabalho pra minha casa. E eu não dou assim... o quê, na verdade, o pessoal falar, né (Relato de Co, 14/02/2006).

Eu tenho amigo de cidade vizinha que foi... Rapidinho gera conversa. Se a pessoa sair: “Ah, Fulano foi para os EUA”, “Já vi a esposa dele lá no bar”. Talvez a pessoa foi comprar um refrigerante. Correto? Aí, já começa: “Nossa, a pessoa já... tem um mês que já foi lá, a mulher dele já está lá no bar”. Então, rola preconceito sim (Relato de Wa, 06/02/2006).

Isto ocorre, pois, como apresentado por Machado (2006), a infidelidade feminina - diferente da masculina - não é tolerada, demonstrando o caráter machista da sociedade valadarense. Assim, quando o adultério é por parte da mulher, “(...) des-substancializa violenta e rapidamente as relações de casamento” (MACHADO, 2006, p.18). Diferentemente disto, quando é uma atitude masculina, quando o homem coabita no exterior com outra mulher, mas retorna para o lar após a realização do projeto migratório, o

casamento não está necessariamente em perigo. Isto é demonstrado no relato a seguir:

Pra homem é normal. Homem é... Eu acho assim: é certo que os dois sexos são a mesma... a mesma importância que tem o homem tem a mulher. Mas só que no meio... ser humano mesmo, o homem é o típico de um garanhão, como... Ou, então, se acontece com um homem, a pessoa fala, mas não fala muito, né. Já mulher, já é mais talhada, né (Relato de II, 13/02/2006).

Para evitar este ambiente de preconceito e discriminação e para a manutenção do casamento, novas configurações das unidades domésticas vão se formando. Em uma delas, por exemplo, a mãe da mulher muda-se para a residência do casal, com o objetivo de suprir a ausência do marido na ajuda na educação dos netos, função já mencionada, mas também para dar ao lar a moralidade esperada. Como abordado por Machado, "A Casa como centro das relações de um núcleo familiar só funciona se for, na percepção dos entrevistados [valadarenses], completa, isto é, tem que ter o marido, senão é vista como suspeita, ameaçadora" (MACHADO, 2006, p. 16).

Além disso, há casos nos quais é a família - mãe e filhos - que se desloca para a casa da linhagem materna com o mesmo intuito da mudança anteriormente explicada. No entanto, neste caso, a figura paterna não será representada pela avó, mas por um tio ou pelo avô caso eles existam. Assim, estes arranjos e a ajuda dos parentes na criação dos filhos são, como no caso estudado por Fonseca (2004) com famílias de um bairro periférico de Porto Alegre, um aspecto simbólico, suprimindo a ausência do marido na unidade familiar, e não apenas econômico e de sustento material.

Estas mudanças de residência só não ocorrem quando as casas dos familiares são próximas, permitindo que as mulheres cujos maridos emigraram estejam sob os olhos e cuidados dos parentes consanguíneos ou afins. A proximidade dos familiares fica evidente ao analisarmos as entrevistas das mulheres que permaneceram em suas casas durante a migração do marido: "É porque eu moro aqui. Porque a gente mora assim: eu moro nos fundos, ela mora em cima (Relato de Ir, 12/02/2006)" e "Lá em cima mora minha mãe, aqui mora minha sogra" (Relato de Ro, 08/02/2006).

No entanto, é claro que nem todo fenômeno social pode ser apresentado como sendo tipicamente único e universal e, portanto, existem variações das condutas dos cônjuges com relação

à fidelidade. Existem também alguns casos em que ambos os cônjuges são “fiéis” ao relacionamento e não há suspeita de traição entre os cônjuges e outros em que tacitamente a infidelidade é admitida, não necessitando de mudanças na família durante o período do projeto migratório.

Segundo os relatos, os casos de infidelidade ocorrem, pois, ao chegar ao país de imigração, algumas pessoas acabam mudando os seus objetivos e pensamentos: uma espécie de mudança de mentalidade. Desta forma, muitos casamentos são desfeitos durante a migração:

Então, aqui tem... Pouquíssimos os que vão e dão certo, que mantêm depois a família, que consegue investir, que consegue ter uma casa própria. Isso aí é um percentual muito baixo. A maioria separa, nunca mais volta, arruma outra lá, né. Ou a mulher arruma outra aqui, quando volta, já não quer mais (Relato de Is, 13/02/2006).

No entanto, até agora, a discussão estava baseada na viagem de apenas um dos cônjuges, a do marido. Mas, o que ocorre quando marido e esposa emigram? Como ficam os filhos? Qual é o arranjo realizado para que a unidade familiar permaneça?

O que ocorre, na maioria dos casos, é os filhos do casal serem cuidados pelos avôs, podendo ser tanto paternos quanto maternos. No entanto, as crianças podem ficar com outros parentes, vizinhos, com pessoas contratadas ou até mesmo sozinhas. Estes novos arranjos, segundo o assistente social do conselho tutelar de Governador Valadares, dependem da afinidade dos pais com as pessoas que cuidarão de seus filhos.

No caso no qual as crianças ficam sobre os cuidados da avó, por exemplo, a relação que se estabelece entre avós e netos pode adquirir características da relação entre mãe e filhos, com o neto chamando a avó de mãe. Desta forma, em alguns casos, a migração pode ocasionar rupturas da relação original entre pais e filhos. Os dois últimos arranjos, por sua vez - os filhos permanecerem sob os cuidados de pessoas contratadas ou sozinhos - não são situações consideradas adequadas para as crianças, tendo em vista que se acredita que resultam em problemas comportamentais e envolvimento com drogas ou prostituição. Esta situação de migração de ambos os cônjuges é discriminada por muitos valadarenses, pois não suprem as aspirações da ordem moral estabelecida, na qual cabe aos pais permanecerem próximos aos filhos (MACHADO, 2006).

Ela [uma amiga da entrevistada] deixou a menina com 13 anos aqui. Aí, a menina começou a se envolver muito com as amiguinhas, saindo pra noitada, não sei se estava assim... chegando a fazer programa... Aí, ela ficou sabendo de muitos boatos; aí ela ficou com medo da menina engravidar; aí ela pegou e veio buscou esta menina no final do ano passado. (...) a menina não quis ficar com ninguém, ela ficou morando na casa dela sozinha (Relato de Sa, 26/02/2006).

Eu sou profissional da educação e te falo que eu tive também - eu trabalhei trinta anos no Estado e já aposentei - crianças... Todos os alunos que tinham família fora, pais nos EUA, porque aqui têm casos que vai o pai, vai a mãe e deixa a criança com os avós, eram crianças problemas na escola. Eram crianças problemas. Muitos problemas, muitos problemas. (...) Eu tinha alunos que passaram a usar drogas na adolescência porque os pais foram pra lá eles com sete, oito anos... Chegar na adolescência, os pais nunca mais voltaram e sendo criados pelos avós. Então, eu não sou muito favorável, não. Se for a família toda, tudo bem (Relato de Is, 13/02/2006).

Assim, pudemos perceber que os desdobramentos da migração podem ser variados e dependem da estrutura adotada por cada unidade familiar. Nos casos de emigração de um dos cônjuges, cabe ao outro organizar a rotina e a manutenção da casa e da "Casa" (MACHADO, 2006). São as mulheres que, geralmente, ocupam esta posição e, submetidas a um controle social, transformam sua rotinas e passam a serem centrais para as relações sociais e tomadas de decisões. Nestes casos, tendo como base os relatos de moradores de Governador Valadares e de pessoas envolvidas nos processos migratórios, podemos falar em três arranjos: pode ocorrer a mudança da mãe da mulher para a unidade residencial, o grupo familiar - mãe e filhos - pode ir para a casa da linhagem materna ou a migração pode resultar em divórcio (ou por infidelidade comprovada ou por fofocas e meras suspeitas de adultério).

No entanto, quando a migração é realizada por ambos os cônjuges, podemos exemplificar cinco novos arranjos: os filhos podem ficar com os avós, com outros parentes, com vizinhos, com pessoas contratadas ou sozinhos. Nestes casos, os arranjos nem sempre são admitidos pela sociedade, como no caso das crianças permanecerem sozinhas sem estarem sob a guarda de um adulto. Como expresso por Machado, "(q)uando as famílias, de antemão, estão estruturadas de forma distinta daquela considerada moralmente adequada (...), a migração aparece como uma opção perigosa" (MACHADO, 2006, p. 14).

3. Os sentimentos

Durante todo este processo de transformação de rotinas, de papéis e de organizações familiares que ocorrem devido à migração, tanto os emigrantes quanto seus familiares que permanecem no Brasil, esposas e filhos, passam por momento de forte tensão psicológica. Nos momentos iniciais da migração, os sentimentos de falta de amparo, companheirismo, tensão e “nervoso” trazem a sensação desconfortável de intensa solidão e de saudades do membro ausente. Desta forma, veremos a seguir como mulheres e crianças lidam com estes sentimentos.

Para as mulheres, a ausência do marido traz uma sensação de falta de proteção e companheirismo, podendo acarretar em casos de narrados como “depressão” e também em emigração “forçadas”. Assim como foi abordado por Pribilsky (2004) entre mulheres equatorianas cujos maridos emigraram para os Estados Unidos, por estarem acostumadas com a presença masculina dentro da unidade residencial, a ausência do cônjuge é fortemente sentida e, além de provocar as mudanças de papéis já abordadas, traz uma sensação de tristeza e “nervoso”. Além disso, as sensações de solidão e medo são evidentes.

Assim, para superarem estas “perdas”, muitas mulheres tornam-se dependentes de remédios antidepressivos e de calmantes nos meses iniciais do projeto migratório:

Nossa, minha avó fica até um pouco assim... Você vê que ela está bastante triste. (...) As primeiras semanas que meu tio foi, este que está na Espanha foi, ela mal olhava... Ela não estava comendo... Ela ficou bastante debilitada assim... Foi questão assim de um mês, ela... Parecia que ela não acreditava que ele tinha ido, não (Relato de We, 24/01/2006).

Agora, até que eu não fiquei chorando muito não, mas da primeira vez [que o marido emigrou] foi muito sofrido. Eu fiquei doente. (...) Tomei [remédio] de tarja preta. Até hoje, eu tomo. (...) Eu costumo falar assim... Às vezes tem colega que pensa: “Tô doida que meu marido vá embora pra eu poder fazer alguma coisa...”, “Homem me perturba” e coisa e tal. No nosso meio, tem muitas amigas que falam isso. Eu logo de cara falo: Vocês não sabem o que é viver longe do marido. Está perto é chato na verdade, mas está todo dia ali com você. Depois que está longe, você vê o tanto que ele faz falta dentro de casa (Relato de Ma, 26/02/2006).

Eu me consultei na quarta-feira, pois estava nervosa... Eu nunca fiquei do jeito que eu fiquei estes dias atrás... Minha amiga disse que é muita solidão e talvez possa ser, não é? Tem dia que eu estou

numa enorme solidão e, nesses últimos dias, eu chorei muito. Na consulta, eu falei para a médica que parecia que eu iria ficar doida. Estou tomando o remédio: calmante. (risos) Além do remédio para a pressão que eu tomo controlado, eu estou tomando calmante também que é pra ansiedade. Estou tomando chá de alecrim também para melhorar (Relato de EI, 27/07/2005).

E quanto à saudade, isso acaba (destrói), é muito difícil (...) Eu me sinto muito sozinha. Às vezes eu acordo com medo, mas eu tenho que pensar... Meu Deus, eu sou a mulher de casa. Eu não posso ter medo, pois eu tenho duas crianças dormindo... eu não posso. Então, eu passo para mim mesmo que eu não posso ter medo porque tudo sou eu. (...) Meus filhos é o que às vezes mais me dói porque eu não posso chorar, eu só tenho que ficar só rindo diante deles... Porque se eu começar a chora, eles perguntam: "Mãe, o quê que foi?" E por eu tomar remédio controlado - faz três anos que eu vou ao psiquiatra, psicólogo, neurologista - isso me tranqüiliza. Quando eu vejo que eu estou emocionada, quando o tempo está igual hoje parece que muito dói porque a solidão aumenta (Relato de Jo, 20/07/2005).

No entanto, conforme os meses vão se passando, este sentimento parece ser amenizado. Ocorre uma espécie de conformação com a situação, mas que não está relacionada diretamente à superação da ausência do marido:

É difícil porque você vive 18 anos com uma pessoa e, quando de repente você procura, cadê? Não está mais ali. Então, fica aquela sensação de que falta alguma coisa, de perda na verdade. Mas está tranqüilo. A gente acaba que, não é que acostumando, acostuma com a situação na verdade, né? Não acostuma com a falta dele (Relato de Co, 14/02/2006).

Como exemplificado, esta conformação com a distância não está necessariamente ligada ao esfacelamento dos laços maritais, pois, como relatado, a situação de ausência afetiva, de falta de afeto e companheirismo não é totalmente superada. Ocorre apenas uma adaptação ou acomodação às mudanças que ocorrem com a ausência do marido, ou seja, a maioria das mulheres acostuma-se com a situação de serem chefes de família, tendo que ter responsabilidade e centralidade nos afazeres administrativos da casa e da família e no cuidado dos filhos.

No entanto, além dos afazeres que estas mulheres necessitam desenvolver durante a ausência do marido, podemos esboçar relatos que demonstram que a conformação com ausência do cônjuge pode estar relacionada aos benefícios econômicos

proporcionados pela migração, como a intenção e o sonho de adquirirem uma casa:

A coisa que eu mais queria era poder... Assim: você estar querendo comer alguma coisa, ter o dinheiro para ir comer; você quer comer uma carne ou qualquer coisa, estar com dinheiro pra comprar. (...) Aqui, não tem jeito. (...) Quando chegava ao fim do mês, o dinheiro ficava todo para pagar as compras e o vale que ele fazia. (...) Eu falo para ele: "Você fica querendo vir embora, mas você tem que pensar que nós temos que ter a nossa casa para morar. Eu sei que fica difícil ficarmos longe, mas, pelo menos, você estando aí nós vamos conseguir a nossa casa, você pode vir embora e não vai precisar voltar mais" (Relato de EI, 27/07/2005).

As condições financeiras da gente melhoraram. Então, é onde a gente pode estar ocupando um espaço... Tipo assim: uma tristeza... Se você tem uma renda mensal melhor, você pode estar indo a um divertimento, ao lazer. Então, não é que cobre a falta da pessoa. Não. Nem a necessidade. Mas ajuda a você ir passando o dia-a-dia com lazer, com uma viagem, um passeio... A ida dele pra lá melhorou, lógico, financeiramente, né. Uns gastos que a gente tinha... que a gente não tinha, a gente passou a ter; uma viagem que a gente não fazia, a gente poderia estar fazendo a viagem... E, ali, vai ocupando. Não é que ocupa a falta da pessoa, o espaço, mas ocupa tipo assim: o tempo. O tempo vai passando, mas você tem também o seu retorno. Igual eu falei: sem... Como se diz, as condições da gente sendo piores, a gente vai... O casamento vai desgastando, a vida vai desgastando... né. E a gente sempre está querendo o bem, o melhor pra gente. A saudade é muito grande, mas eu acho que pra ele é pior do que pra gente que fica (Relato de Ca, 08/02/2006).

Apesar dos casos apresentados de superação ou conformação, existem casos nos quais as mulheres não conseguem permanecer longe de seus maridos. Nestes casos, a migração destas esposas é inevitável, mesmo que para isto seja necessário deixar os filhos no Brasil. Assim, buscando o reencontro dos cônjuges, o estabelecimento dos laços maritais e a retomada de um padrão de vida vivenciado antes da emigração, muitas mulheres escolhem também migrar.

Eu fui porque eu fiquei doente. Eu cheguei ao médico e o médico falou comigo que a qualquer hora eu podia ter um piripaque e morrer. Eu fiquei doente mesmo. Fiquei em depressão profunda. Aí, ele falou: "Ou você vai pra lá, ou seu marido vem, ou vocês se separam". Porque aí, eu ia começar a viver de novo. Eu ia poder sair, namorar, estas coisas assim. Coisas que eu estava sentindo falta (Ma, 26/02/2006).

Desta forma, podemos perceber que, como abordado por Feldman-Bianco e Huse (1993) e Morokvasic, 1984 (*apud* ASSIS, 2003), as migrações de mulheres não ocorrem apenas por questões econômicas, mas também, como no caso que apresentamos, por fatores psicológicos, como a saudade do cômjuge.

Para as crianças, por sua vez, a distância do pai pode causar, no início do projeto migratório, o que é interpretando como crises nervosas. Segundo as mães entrevistadas, logo após a migração paterna, o contato telefônico é, geralmente, muito difícil: as crianças choram e, em alguns momentos, não querem falar com seus pais.

Ele chora às vezes por causa dele... Ele não gosta muito de conversar com o pai dele, não: fica nervoso, joga o celular e não quer falar mais com o pai dele. Quando ele resolve falar com o pai dele, eles conversam; dependendo das gracinhas que ele fala, o pai dele chora (Relato de Me, 22/07/2005).

E eu tive este sério probleminha com meu filho porque ele era muito apegado ao pai, saía demais com o pai... Era mais apegado a ele do que propriamente a mim. Então, quer dizer, aonde tinha oportunidade pra estar ocupando a cabecinha dele nos primeiros meses... Até hoje é ainda, mas principalmente nos primeiros meses... Eu estava super preocupada com ele, sabe, porque eu ouvi casos de crianças que ficam doentes, perde o apetite, não quer mais (...) nas primeiras semanas foi fácil porque até então quando [o pai] viajava era uma semana, duas, né. Depois que foi passando o tempo que ele foi vendo que o tempo... que o tempo estava demorando demais. Aí, quando foi ontem mesmo, ele chorou muito no telefone (Relato de Ca, 08/02/2006).

No principio, ela chorava muito e também quando falava no telefone com ele, mas, agora, ela está mais tranqüila. No dia que ele foi embora, ela não o viu, pois estava dormindo. Quando acordou, ela falou: 'É mãe, a senhora não me chamou para ver o pai ir embora' e chorava tanto que, eu não agüentava ver ela chorando, chorava também (Relato de EI, 27/07/2005).

No entanto, após alguns meses, estas crianças "acostumam-se" com a ausência paterna e com a presença de outro parente realizando o papel de pai, como os avós e as cobranças aos pais passam a ser de cunho material.

Na verdade, meus filhos... Criança, sabe como é que é? Na verdade, sempre era pra pedir alguma coisa: "Oh, Pai, manda um celular pra mim, manda um computador, manda..." Sentiram muita falta, claro. Se expressaram assim várias vezes, falaram várias vezes comigo:

quando eles iriam lá... Nunca me perguntaram quando eu voltaria, não (Ga, 14/02/2006).

Assim, podemos perceber que o relacionamento entre pais e filhos passa a ser mediado pelas remessas ou pelos benefícios que ela pode proporcionar, como os presentes. Segundo Machado, "O dinheiro entra como fluxo de substância 'à distância', produzindo o bem-estar material dos filhos (alimentação, roupas, escola, brinquedos, etc.) e amarrando as relações na ausência da presença física dos pais, que se fazem sempre presentes através do dinheiro" (MACHADO, 2006, p. 15), ou seja, o elo entre pais e filhos é estabelecido pelas remessas, vistas, por este autor, como uma espécie de "sangue simbólico".

Conclusão

Desta forma, pudemos perceber que a família e o casamento no contexto migratório passam por diversas transformações. Desde as mudanças de rotinas e dos papéis, passando pelas reorganizações dos grupos familiares até as mudanças nos aspectos psicológicos dos envolvidos direta ou indiretamente nos projetos migratórios.

Inicialmente, buscamos demonstrar que ocorre uma reorganização das rotinas e de afazeres realizados, tanto por parte dos maridos quanto das esposas, após a migração de um dos cônjuges. Em decorrência disto, os membros que permanecem na unidade residencial, geralmente as mulheres, adquirem centralidade nas relações sociais entre parentes afins e consanguíneos, entre pai e filhos e entre filhos e parentes afins. Além disso, estas mulheres passam a ser também centrais para a realização dos afazeres ligados aos espaços públicos, como pagamento de contas e novos investimentos. Para aqueles que emigram, na sua maioria homens, as mudanças de rotinas mais significativas estão relacionadas às necessidades de realizar atividades domésticas.

Em seguida, vimos que novas configurações da unidade familiar podem ser formadas devido à migração. Dentre os vários rearranjos possíveis, em um deles as mães das esposas cujos maridos emigraram acabam se mudando para a casa da filha, mas há também a possibilidade desta mudar-se com os filhos (grupo doméstico) para a residência de sua mãe. Além de buscarem o auxílio na educação das crianças, o motivo desta mudança está

relacionado a evitar focos sobre seus comportamentos que culminem na dissolução do casamento. No entanto, existem também grupos familiares nos quais os cônjuges acabam se divorciando devido aos casos de adultério, sejam eles comprovados ou não.

Além disso, outros rearranjos citados estão relacionados à emigração de ambos os cônjuges, fazendo com que os filhos do casal sejam criados por outras pessoas, sejam elas da família ou não. Apesar de não ser algo “aprovado” pela sociedade valadarense, as novas formações do grupo doméstico, neste contexto, passam a ser: netos sendo cuidados por avós, as crianças ficarem sob a proteção de outros parentes - consangüíneos ou afins, os filhos podem ser deixados com vizinhos, pessoas contratadas, ou podem ficar sozinhos sem o auxílio de um adulto.

A partir destas novas formações, pudemos perceber que não apenas as configurações do grupo doméstico se modificavam, mas também as relações e, conseqüentemente, os sentimentos durante o processo migratório. Desta forma, buscamos demonstrar que os familiares que permanecem no Brasil sentem de maneira intensa a ausência do membro familiar emigrado. Estes sentimentos são expressos com maior intensidade nos meses iniciais dos projetos migratórios e modificam-se ao longo dos meses. No caso das esposas, a ausência do cônjuge se relaciona com casos codificados como depressão, o sentimento de falta de companheirismo e proteção; no caso das crianças, o processo de migração institui relações que são vistas como sofridas e difíceis e, muitas vezes, narradas de uma forma amargurada.

Assim, pudemos esboçar que o casamento e a família no contexto migratório passam por um processo de transformação que afeta não só as configurações das unidades domésticas, mas também os sentimentos dos que estão envolvidos no processo migratório.

Referências

ASSIS, G. de O. “‘De Criciúma para o mundo’: gênero, família e migração”. In: **Campos Revista de Antropologia**, v.3, 2003. Disponível em: <<http://calvados.c3sl.ufpr/ojs2/index.php/campos/index> > Acesso em: 01 out. 2006.

DEBIAGGI, S. D. "Famílias brasileiras em um novo contexto cultural". In: **Fronteiras cruzadas. Etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. " Migração e implicações psicológicas: vivências reais para o indivíduo e o grupo" In: **Travessias - Revista do Migrante**. São Paulo, n. 53, set/dez 2005, p.16-20.

FELDMAN-BIANCO, B.; HUSE, D. A Saudade da Terra: Memória Cultural e experiências de Imigrantes Portuguesas na Intersecção de Culturas. In: **Encontros com a Antropologia. Identidade, migração e memória**. Universidade Federal do Paraná, 1993.

FONSECA, C. "Prefácio", "Fofocas e violência", "Aliados e rivais na família". In: **Família, fofoca e honra: ma etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2 ed, 2004.

MAIR, L. Para que serve um marido?,Casamentos plurais, A dissolução do casamento, Os tempos modernos In: **O casamento**. Lisboa: Ed. Ulisseia, 1973.

MACHADO, I. J. de R. "Laços de sangue e fluxo de dinheiro: notas sobre o 'parente ausente' no contexto migratório transnacional Portugal/Governador Valadares". ABA, 2006.

PRIBILSKY, J. "'Aprendemos a conviver': conjugal relations, co-parenting, and family life among Ecuadorian transnational migrants in New York City and the Ecuadorian Andes" In:

SAYAD, A. "O 'pecado' da ausência ou os efeitos da emigração", "Os filhos ilegítimos". In: **A Imigração**. São Paulo: Edusp, 1998.

VAITSMAN, J. Perspectiva teórica, O contexto brasileiro, A reconstrução da família, Conclusão In: **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.